O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações	
Anuncios, cada linha, typo commum	20 réis
Comunicados	60 "
Reclamos	100 "
Artigos	200 "

LISBOA

Quinta feira 31 de outubro de 1895

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros....	600 "
Numero avulso	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros..	1.600 "

RESUMO

A educação physica, por Palermo de Faria. — Carreira de tiro. — A alimentação dos cães de caça. — Uma caçada na America. — Historia d'uma toupeira, por Baptista de Sá. — Programas de gymnastica. — As viboras e os cães de caça, por Baptista de Sá. — Um estavolozos no Piemonte em 1826: uma caçada aos gallos do matto.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos estimaveis assistentes o obsequio de mandarem satisfazer a importancia dos seus debitos, para que continuem recebendo regularmente o nosso jornal e para nos evitarem a cobrança pelo correio, que é demorada, e sobretudo bastante onerosa.

O pagamento pôde ser feito em vale do correio dirigido ao administrador, ou em estampilhas enviadas em carta registrada.

Toda a correspondencia relativa à redacção deve ser enviada para os escriptorios, rua Ivens, 35.

A EDUCAÇÃO PHYSICA

O successivo e rapido desenvolvimento de todas as sciencias, artes e industrias, que principiou a accentuar-se no seculo XVIII; a extraordinaria diffusão por todas as camadas sociaes dos conhecimentos que até então haviam sido monopolio de seitas e corporações; a propaganda tenaz e insistente dos apóstolos e prégadores d'este novo crêdo que tinha por base a sciencia e deveria pôr a descoberto os segredos mais mysteriosos e mais inexplicaveis do Universo inteiro, transformando-os em leis fataes e immutaveis, rasgou por completo essa venda que nos deixava estaticos perante os mais simples phenomenos da natureza e dava-nos os elementos de arrancar á terra, á agua, ao ar, todas essas forças que transformariam as sociedades modernas em centros de trabalho util e de actividade fecundante.

A' pesada e densa atmospherica, que envolvia no seu tenebroso manto muitas gerações successivas, seguia-se a era de luz e de brilhantismo que daria o nome ao seculo XIX, prestes a sumir-se na immensidade do passado, e firmaria por toda a parte as conquistas feitas em beneficio da humanidade, em favor do seu natural instincto de progresso e de expansão intellectual.

Tinhm caído as theorias medievas. O braço, que empunhára a espada e enristára a lança, ia dirigir a charrua e guiar a machina; o pensamento, que se mantivera no acanhado recinto d'uma sala d'armas ou d'um campo de batalha, unicos ideaes d'esses tempos de conquista material, alargava-se para mais di-

latados horisontes e reconhecia que era grande a terra, immensa a sua riqueza, extraordinaria a sua fecundidade, incomensuravel a sua força.

E o mundo enchia-se com os productos da industria, com os theoremas da sciencia. As distancias que separavam raças, os oceanos que dividiam continentes, como que se aproximaram sob o impulso vigoroso do ferro e do vapor para estreitar os laços que iam unir os povos, e implantar as leis que, desde então, iam reger as sociedades.

O cerebro estava em plena actividade, os feixes nervosos em tenção absoluta, a intelligencia em trabalho permanente. O musculo ficára paralyzado, o sangue não circulava regular e livremente. Desenvolviu-se com rapidez assombrosa todas as forças moraes, definhavam-se com desoladora precipitação todas as forças physicas. Não caminhavam parallellos esses dois elementos da vida e da força: o cerebro que excogita e o musculo que executa. E a humanidade que se suprehendera ao encarar os vôos audaciosos do espirito, curvava se enristecida perante o definhamento do corpo. A vida média que tinha proporções consoladoras, reduzira-se a limites por demasia acanhados para ambições tamanhas.

O progresso moral tinha esquecido a educação physica e, as gerações que surgiram e foram dirigidas com esta orientação moderna, não encontraram no musculo a força de que precisavam para expandir-se, nem tiveram no organismo material essa resistencia indispensavel para manter-se inalteraveis.

Repetiam-se os defeitos das antigas sociedades pedindo exclusivamente ao musculo a força que lhes era necessaria e deixando enfezado e sem desenvolvimento o nervo que devia acompanhá-lo. O vicio era ao contrario, o erro, porém, mantinha-se mais pernicioso, mais fatal talvez.

Felizmente ao terminar d'este seculo tão fecundo em acontecimentos extraordinarios, surge no horizonte uma theoria nova, um systema mais completo, mais perfeito, e tudo nos leva a crer que, o musculo e o nervo, hão de desenvolver-se methodica e parallellamente para assegurar ao homem a posse de toda a sua energia e de toda a sua vitalidade.

Ao lado das academias e das universidades que espalham a mãos largas o pão do espirito, erguem-se as sociedades de gymnastica e de esgrima, as escolas de natação e de tiro, os clubs de velocipedia, as associações de alpinistas e todas ellas, ligadas entre si, irmãs gêmeas e filhas d'uma só idéa, hão lançar no seculo que vae chegar, o alicerce firme, robusto e inabalavel da nova era, em que ao lado do desenvolvimento intellectual ha de levantar-se uma geração de valorosos, uma geração de fortes.

O cerebro nada perderá da sua força e da sua actividade, o nervo ha de dar-lhe a energia e a vida que a moderna sciencia exige, mas o musculo ha de acompanhá-lo n'esse desenvolver progressivo, ha dar-lhe calor e força, ha de restabelecer o equilibrio perdido por mais d'um seculo pela avidez insaciavel de descobrir elementos que ampliassem e enriquecessem o saber humano.

E quando, n'um dia que não estará longe, acreditamol-o, a educação physica fôr ministrada nas escolas ao lado da educação moral, quando o preciso e justo meio entre os dois grandes centros de actividade, o nervoso e o muscular, se houver encontrado finalmente, teremos readquirido a força que o braço perdeu de ha muito e dado ao espirito o vigor que começa a enfraquecer-se.

A educação physica é, pois, uma necessidade inadiavel, precisamos implantá-la e desenvolvê-la; precisamos dar á creança que vae entrar na vida o sangue arterial que ha de robustecê-la e com elle a energia que lhe permitirá entrar na lucta.

Só assim educaremos!

Palermo de Faria.

CARREIRA DE TIRO

No domingo, 27 do corrente, dispararam-se 980 tiros com a arma de guerra. Os alvos tinham a mesma disposição que na sessão anterior.

O dia estava muito ventoso, o que tornava o tiro muito mais difficil; ainda assim fizeram-se magnificas séries.

A Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, levou a esta sessão 28 atiradores, que fizeram 440 tiros com a arma de guerra, distribuidos pela seguinte forma: alvo normal, de 100^m, 70 tiros; alvo normal, de 200^m, 50; alvo normal, de 400^m, 90; alvo normal, de 200^m a 400^m, 30; alvo, figura de joelhos, a 200^m, 200. Fizeram mais 40 tiros com a carabina Colts.

Dos corpos gerentes d'esta associação estiveram os srs. Martinho Guimarães, presidente da assembléa geral, Prospero Meyrelles, João Torres, Claudio Castel-Branco e Anselmo de Souza da direcção; bibliothecario Antonio Joaquim Rodrigues e o digno mestre d'armas e instructor militar o sr. alferes José Pires, assim como o seu ajudante o sr. Oliveira.

Pule, alvo figura de joelhos, a 200^m, série de 5 tiros.

	Balas acertadas
Agostinho Manuel de Souza	5
Joaquim F. Freitas	5
Gonçalo Heitor Ferreira	4
Gil Portocarrero	3
Julio Vieira Lopes	3
Manuel José de Magalhães	3
Cosme Gomes	3
Coimbra	3
João Torres	2
Antonio Joaquim Rodrigues	1
Jacinto Nunes Soares	1
Braz Fernandes	1
Libanio	1

No desempate entre os dois primeiros atiradores empataram novamente com 4 balas acertadas, dividindo o bolo entre os dois.

A ALIMENTAÇÃO DOS CÃES DE CAÇA

QUASI todos os cães são alimentados d'uma maneira absolutamente irracional.

Muitos caçadores estão convencidos que o pão deve representar o seu sustento exclusivo, se não quiserem vel-os atacados pelas doenças da pelle. Nas herdades dão-lhe uma codea secca para roer. Nas casas burguezas tratam-nos com mais alguma cerimonia, mas o animal não se sente melhor. Deitam a agua de lavar a louça saturada de carbonatos, potassa e cobre, assim como gordura, sobre sopas de pão e eis a comida preparada.

Francamente, os montões de lixo que tem os cães dos trapeiros por convivas, valem muito mais, porque fornecem provavelmente a estes animaes os alimentos fortemente reparadores reclamados pelo seu organismo.

O cão é, como o lobo, um animal carnívoro; o exame do seu systema dentario basta para o demonstrar. Pretender reduzir-o exclusivamente aos vegetaes é um erro.

Na sua qualidade de felino, o gato está no mesmo caso. Se o primeiro é sedentario, se a sua existencia se passa presa, ou se concentra no estreito espaço d'um pateo, vegetará melhor ou peor com este regimen, mas dando-lhe sempre como apoio os restos de toda a especie, sempre muito azotados que o acaso caridoso lhes permite apanhar.

Se, pelo contrario, é submettido a fadigas quotidianamente repetidas, enfraquecerá ou não dará a quantidade de energia e de resistencia que haveria direito a esperar.

Os cães de guarda comem carne, algumas vezes cozida, muitas crua; as doenças da pelle não são mais frequentes nem mais graves n'elles do que nos seus congeneres. O perdigueiro vae todos os dias ao campo e portanto não se fatiga menos do que o cão de matilha, que tem quasi sempre, dois, tres e até quatro dias de descanso entre cada uma das suas expedições; reclama pois, como este, alimentação fortificante em que deve figurar a carne.

Os inglezes que nos excedem e muito, em todos os assumptos que dizem respeito a assumptos que se prendem com a hygiene dos animaes, comprehenderam-no ha muito tempo. Estudando sempre as necessidades ou os desejos dos interessados, a sua industria imaginou immediatamente bolos de fibrina que evitam aos proprietarios de cães o trabalho de fazer panella para o canil.

Comtudo não a dispensa completamente. Qualquer que seja a qualidade d'estes bolos de fibrina, não poderiam ser sustento permanente. Como todos os animaes que a domesticidade tirou ao estado natural, o cão tem necessidade d'uma certa variedade na sua alimentação.

Não é útil dar-lhes comida delicada, mas simplesmente modificar de vez em quando a alimentação. Se lhes dão bolos de fibrina duas ou tres vezes por semana, é necessario alimentar-os nos outros dias com sopa feita com caldo de carne ou em que a carne e os legumes se misturem com pão.

A quantidade a distribuir varia para cada animal; com a mesma ração tal cão engordaria, enquanto que outro ficaria muito magro.

E' uma questão de observação e de tacto da parte do homem encarregado de os tratar, que deve assistir sempre ás refeições afim de saber qual é o seu appetite e regular as manifestações. O alimento deve ser dado não frio, mas ligeiramente quente. Uma refeição por dia basta durante o periodo do repouso. Em tempo de trabalho, dá-se ao cão um pedaço de pão secco, pela manhã; bastará para o ajudar a supportar bem as fadigas do dia.

Não fallemos da questão da limpeza, que deve ser feita quotidianamente com uma escova e digamos duas palavras do exercicio.

O passeio que é indispensavel pelo menos de dois em dois dias, representa uma difficuldade em que tem sossobrado as qualidades de muitos cães excellentes.

O melhor seria que o dono se limitasse a sair com elles, mas em todó o caso, se não tem um guarda, não deve confiar-os senão a um creado ao corrente dos assumptos da caça. Evitar que o palafreiro, o cocheiro ou o groom querendo d'uma cajadada matar dois coelhos, levem os cães quando vão passear os cavallos. Tanto uns como outros terão grande prazer em os ver correr atraz d'uma lebre ou atraz d'um bando de perdizes, excitando-os até. Mais tarde, quando fôr preciso caçar com elles, reconhecer-se-ha que os cães são como as creanças, que aproveitam sempre com mais facilidade as más lições.

UMA CAÇADA NA AMERICA

UM grupo de caçadores installados na bahia de Tampa, na Flórida, matou em dois mezes 1352 codornizes, 1.252 gallinholas, 97 pombos e algumas centenas de lebres, patos e esquilos. Estes caçadores tiveram tres dias de extraordinaria felicidade; n'esses tres dias mataram 283 gallinholas, 32 tarambolas e 127 codornizes.

HISTORIA D'UMA TOUPEIRA

EU tinha-me deitado n'essa noite moído, muito cansado, com o corpo n'um molho, fatigadissimo da caçada que me obrigára, pelas condições do terreno, a saltar valletas á vara, um dia inteiro, a maior parte das quaes d'uma largura extraordinaria, e a furar tapumes enleados de imperceptiveis e traiçoeiras cordas de silvas, muito extensas, muito franzinas, excessivamente esgançadas, mas com aculeos diabolicos, mordentes como pampilhos, que me escalavraram litteralmente as mãos e me esfarraparam em diversas partes o meu resistente paletot de lona, com uns poucos d'annos de serviço, forte como o ferro, mas que teve, n'esse dia, de render-se esmorecido ao inimigo, tal era a superioridade da força a que não poude resistir, a que teve de se deixar dobrar. Angeja é praça forte em valletas e vallados; ai d'aquelle, portanto, que commetta a imprudencia de querer n'ella á força penetrar.

Eu tinha alli caçado já uma vez, com muito satisfatorio exito e a maior facilidade, mas não assim á valentona; tinha levado pontoneiros e sapadores, com todos os requisitos necessarios. D'esta vez, porém, por negligencia do meu sereno

secretario, a coisa correa muito mal, pelo que, ao terminar a medonhissima estopada, fiz a minha *solemnia verba* protestando nunca mais, em semelhantes condições, alli voltar.

São magnificos os milharas d'aquelles sitios, muito ferteis em codornizes, mas fartos de espessissimos cercados difficilimos de transpor, que mais parecem cercados ereos que arvoreos, e de largas vallas cujas bordas são por estes bem orladas.

Mas não divaguemos mais. Eu tinha-me deitado, como dizia, cansado a valer, devéras enfadado. Porque tivesse cedido o meu airoso quarto, o meu cobicado *quarto da eira*, no qual tenho passado noites em claro, ora debruçado na janella contemplando a vastidão da noite, ora gosando o luar que me deixava distinguir das outras as espigas-reis que esperavam na eira do sr. Manuel das Neves, o mangual; como o tivesse cedido ao empenho da senhora Candida, minha hospedeira, e por deferencia a uma dama, sua antiga hospeda, que costumava pernoitar, para não proseguir de noite na viagem, na mesma hospedaria, cujos commodos, no tempo das codornizes, os caçadores nunca deixam estar ás moscas, deitei-me no do meu amigo e companheiro Julio, n'um colchão sobre o soalho, para não dar muito enfado á Mariquinhas, que n'essa noite andava atordoadá com o latido constante d'uns perdigueiros mal-creados e pela vozeria indiscreta, chamadas repetidas e exigencias impertinentes de alguns seus hospedes caçadores.

A Maricas, sobrinha e creada de confiança da senhora Candida de quem soubera apprender os modos serios e os costumes delicados, tinha-me a cama appetitosa, com finissimos lenços de linho, brancos como a neve e frescos como o orvalho, e tivera ainda o rasgo de limpeza, que eu não estranhei n'ella de tapar o soalho, por baixo e á volta do colchão, com dois magnificos cobertores da Serra, para que dizia ella, posto ser desnecessaria a explicação, a roupa de conforto se livrasse de tocar no pó que a vassoura da sua companhia tivesse, sem querer, deixado ficar no quarto, ou na terra que os sapatos venatorios não tivessem, por descuido dos pés que alli os transportavam deixado sobre o capacho do nosso dormitorio, um dos mais bem cuidados da excellente hospedaria que em asseo e tratamento é, sem favor, das primeiras que se acercam da linha ferrea que atravessa essas formosissimas paragens que se alastram por ahí fora mais ou menos arrimadas á beiramar.

O Julio, rapaz muito bem posto, direito, esbelto, bigode louro e côr afogueada, verdadeiro typo de inglez, de uma pachorra puramente britannica, de um todo que revela bem o ter medrado na Inglaterra, onde fôra educado; o Julio, a quem só uma vez vira zangado, no Alemejo, por eu, no seu modo de entender, largar de mais sobre umas perdizes que haviamos levantado, ficára ainda a pé, a arranjar a sua mala onde tudo era symmetricamente pôsto, com toda a pausa, mas só depois da cavaqueira á mesa e de ter primeiramente arranjado o estomago e saboreado o delicioso Porto que sempre o acompanhava.

Tudo prompto e bem disposto, o Julio foi-se deitar.

Eu, que em cama estranha mal posso conciliar o somno, embora me refertelle no mais cupidineo leito, n'essa noite,

devido, talvez, á grande pena de que tinha possuído o corpo, adormeci immediatamente, e o Julio, por isso, não pôde contar-me a sua extravagante caçada da toupeira, da sua estimada toupeirinha de pelle retinta e setinosa, que tanto lhe havia custado a aprezer. Não se meteu porém, na sua fôfa cama sem cuidar do conchego de que era digna a melhor peça de caça d'esse dia; tirou-a d'um tubo de barro aonde estava, que era frio e podia constipal-a, fazel-a passar muito mal a noite, matal-a até com uma pneumonia *triplice*, e accommodou a na gavetinha d'uma mesa que teve o cuidado de alcatifar previamente para não privar o insectivoro das commodidades a que devia estar habituado. Só depois d'isto e de deixar um bocadinho da gaveta aberta para que o pequenino e engraçado quadrupede não morresse asphixiado, foi que o Julio se pregou a dormir, sonhando umas vezes que o mamifero lhe fugia pela fiska da gaveta, outras, vendo lhe a lustrosa pelle transformada na elegante bolsinha de dinheiro para que elle a destinava.

Alta noite o animalço, não se sentindo bem em seu beliche, appetecendo-lhe tomar mais ar, dar o seu passeio e transportar-se a aposento ainda mais confortavel, abriu os seus olhos microscopicos, rudimentares, levantou o focinho, farejou, furou, saltou, procurou, e dá com a toca desejada, depois de se ter metido na minha cama. Quer tomar a nova toca de assalto e entra d'afocinhal-a, mas tão insistentemente que me acorda. Defendo-me e ella, sóme-se, passando para mim não por o que realmente era, mas sim por um parasita hemiptero que estivesse trabalhando na succção do meu doce e saboroso sangue. O inimigo desiste por momentos de tomar a fortaleza, de proseguir no seu intento, e eu volto a adormecer, pouco tranquillo, com a ideia nos imaginarios companheiros de cama. Passado pouco tempo accordo novamente, mas agora afflicto, suffocado, com a respiração tapada; o inimigo, d'esta vez, deixava d'atacar o primeiro ponto cuja entrada tomára, por certo, pela da sua toca subterranea, e insistia na sua entrada pelas minhas fossas nisaes. Ao acordar, levo instinctivamente a mão ao sitio que estava sendo forçado e toco não sei em que, que agarro, aperto com força e atiro fóra; petisco um phosphoro e accendo a vela e faço algarzarra. O Julio acorda extremunhado.

—Que é isso?! pergunta elle, sentando-se na cama.

—Não sei ainda bem o que é, lhe respondi, mas creio sêr um rato que veio ter commigo á cama.

—Um rato! Quer você vêr... e dá um pulo da cama abaixo.

Encaminha-se para a gaveta da toupeira, espesita-a e dá pela falta do seu caro entesinho.

—Você que fez? Onde está a minha toupeira? a minha linda toupeirinha que ha tanto tempo tento arranjar?

E entra de procurar por toda a parte, e eu tambem, cada um com o seu castiçal na mão, elle a sua melhor peça da caçada, eu o quer que fosse que tanto me tinha importunado. N'um instante os dois noctivagos caçadores, apontando ao mesmo tempo para a minha bacia exclamaram: — Está alli!

O meu amigo Julio, então, tornou-se fúlo, por se lembrar de que não podia applicar á bolsinha de dinheiro que elle tinha signalado para um presente d'annos, a pelle retinta e setinosa da sua in-

feliz toupeira; e eu, zangado pelo que me tinha succedido, ria-me ao mesmo tempo do deshecho que coroaava tão extraordinario facto.

Porto—Outubro, 1895.

Baptista de Sá.

PROGRAMMAS DE GYMNASICA

COMEÇAMOS hoje a publicação dos *Programmas das aulas de gymnastica da Associação dos Atiradores Civis Estrella*. E' um trabalho muito bem elaborado e que desejaríamos vêr posto em pratica pelas associações onde fosse possível a sua completa execução.

São os seguintes:

Observações

Todo o individuo e principalmente o soldado precisa de desembaraçar os seus movimentos, precisa ter presteza e agilidade, precisa conhecer os meios mais favoraveis para vencer os obstaculos que são ordinarios no serviço militar; o bom soldado deve manejar bem a arma, sentil-a, conduzi-la a través tudo, deve saber marchar, correr, saltar, adquirir n'estes exercicios grande resistencia, deve adaptar-se gradualmente ao frio, ao calor, á chuva, etc., etc.; deve tambem saber vencer os accidentes dos terrenos, transpor-os com brevidade e sem fadiga, atravessar campos, subir encostas, saltar valas, atravessar rios, trepar muralhas, escadas e até cordas; deve saber luctar, sacar a espingarda, etc., etc.; deve saber, finalmente, socorrer os camaradas, transportar os feridos, etc., etc.

Os estudos modernos provam até á evidencia que a pratica gradual e racional dos movimentos produz, não so o desenvolvimento e a firmeza e o sentido musculares, mas os de todos os outros tecidos.

A gymnastica militar, não sendo a mais indicada para desenvolver, é comtudo, por se compor de muitos exercicios naturais, das melhores.

A anthropometria tem colligido mappas que attestam estes factos, factos que além d'isso são bem evidentes.

A gymnastica pôde ser dividida em *medical* e *profissional*.

A gymnastica medical cuida do corpo; a profissional tem por fim habituar um organismo já formado aos exercicios ou trabalhos proprios, necessarios a uma arte, a um mister.

A gymnastica medical divide-se em hygienica e therapeutica ou applicada a saões e a doentes.

A gymnastica hygienica é mais propria da creança. A profissional pôde ser dividida em normal e anormal.

A gymnastica normal é a composta de exercicios, que embora não sejam na sua totalidade indicados com o unico fim de cuidar do ser, do individuo physicamente, não são nocivos aos orgãos do mesmo ou melhor são compatíveis com a sua conservação, e teem por fim adextral-o no seu officio.

A gymnastica normal despreza tudo isto, não se importa com o individuo e só tem por fim o maravilhoso, o funambulismo, o enthusiasmar as massas populares arruinando o organismo formado, elevado pela gymnastica hygienica:

Todo o individuo necessita dispor d'um organismo bem equilibrado e forte para lutar. Por isso todos devem começar pela gymnastica hygienica, e não pela normal, porque todos precisam em primeiro logar garantir a sua existencia sem arruinar os seus orgãos.

Das observações acima deduz-se que o programma de gymnastica para as instituições de atiradores civis, cujo fim unico é o de preparar o individuo para bem defender a patria quando for necessario deve compor-se:

1.º—Da gymnastica hygienica, obrigatoria hoje na escola primaria, e que se deverá praticar nos primeiros mezes e no principio de cada licção.

2.º—Da gymnastica normal militar.

1.º—Gymnastica hygienica

A—Gymnastica elementar

a) — sem instrumentos:

1.º—Exercício de formaturas e adaptação da classe aos exercicios gymnasticos ou a escola do soldado sem arma.

2.º—Attitudes.

3.º—Movimentos simples.

4.º—Movimentos compostos.

5.º—Movimentos coordenados ou semi-automaticos.

6.º—Jogos e passeios.

(Continúa.)

Pedro José Ferreira.

AS VIBORAS E OS CÃES DE CAÇA

Não são muito frequentes, felizmente, as mordeduras das viboras nos nossos cães, nem muito vulgar, na quasi totalidade dos terrenos em que se caça, o venenoso reptil cuja secreção peçonhenta, transmitida pela mordedura, é d'effeito mortifero quasi sempre; sitios ha, todavia, onde esses perigosos ophidios apparecem traicoiramente para darem a morte aos nossos perdigueiros e podengos, áquelles especialmente, quando apaixonadamente entretidos na busca da caça para que são adequados, por que teem predilecção.

Na Apulia, sitio de codornizes dos melhores que conhecemos, succumbe de quando em quando um perdigueiro aos effeitos de peçonha segregada pela vibora, e apparece de longe em longe um ou outro caso em logares menos atreitos á residencia d'esses malvados animaes.

Em Leça da Palmeira, ha dias, o sr. Egydio Teixeira Duarte, recreava-se na caça da codorniz, quando um de seus cães foi assaltado por uma vibora que o mordeu tão mortalmente que dentro em pouco o fez trocar a vida pela morte, apesar de todos os meios empregados na salvacção da existencia do magnifico perdigueiro a quem seu dono queria tanto.

Este recente facto e ainda outro, da mesma natureza, succedido na Povoia de Varzim com uma cadella do sr. Henrique Van Zeller, do qual *O Tiro Civil* já deu noticia, moveram-nos á publicação do que mais convém fazer o caçador quando seus cães sejam mordidos pela vibora, segundo opiniões colhidas de praticos competetissimos no assumpto, porque nos guiámos já mais de uma vez, com o mais satisfactorio resultado.

As mordeduras das viboras, tanto mais perigosas quanto mais espaçadas forem, são de consequencias gravissimas no tempo do cio e nos paizes quentes, produzindo peores resultados nos cachorros e nos cães d'idade já avancada.

Quando a peçonha é inoculada em pleno corpo do animal, costuma sobrevir o ingurgitamento da garganta e produzir-se a morte por asphixia; quando communicada ás partes exteriores, a acção do veneno deixa de ser tão forte e o cão, por isso, pôde mais facilmente pôr-se a salvo.

Não pôde precaver-se o caçador, quando pensa em fazer uma caçada, contra todas as eventualidades más, porque então necessitaria de levar commigo um sem numero de coisas incommodas e variadas; não pensa, por isso mesmo, em nada d'isso; mas quando advem um accidente que elle, ao menos, sabe como convem tratar, a sua inquietação não será tão grande e o padecente lucrará, ao mesmo tempo, com o conhecimento que possui o caçador do objecto de que se tem a cuidar.

As mordeduras das viboras não são, como dissémos, das coisas mais vulgares; são é certo, das mais perigosas e muito convem, portanto, que o caçador saiba tratal-as.

Diversos são os remedios que se costumam applicar para combater a morte dos cães que os dentes da pequenina serpente occasionam; dos que melhores resultados se tem obtido são os cauterios a ferro em braza, com manteiga d'antimonio ou nitrato de prata, que se

devem fazer bem fundos, perfeitos, depois de ligada a parte affectada, sempre que possível seja, e dilatada, sangrada e bem enxuta a ferida.

A ligadura não deve ser feita com barbante fino para evitar a irritação da pelle; uma fita larga, um lenço ou um panno qualquer enrolado, são ligaduras excellentes e de ordinario sempre à mão. A carne deve apertar-se moderadamente e não convem que se conserve comprimida por largo espaço de tempo.

O ammoniaco liquido é um magnifico remedio, tanto exterior como interior, de que o caçador sempre devia andar munido, pelo menos quando caçasse em terrenos frequentados pela vibora, para o applicar ao seu cão, mal este fosse mordido, na dose conveniente sobre a ferida e interiormente algumas gottas em uma colher d'agua tomada de dez em dez minutos.

As infusões de flôr de sabugeiro com algumas gottas de alcali volatil, por copo, tomadas até que a inchação desapareça tambem costumam dar resultados que satisfazem.

A manteiga d'antimonio é um dos melhores cauterios, por ser muito energico e chegar, por ser um corpo liquido, aonde ás vezes deixa de chegar o nitrato de prata ou o ferro em brazia. O ammoniaco nunca deve deixar de ser empregado, exteriormente depois mesmo do cauterio e interiormente em todos os casos.

Alguns caçadores antigos gabam muito um preparado de folhas de tanchagem pisadas com bastante saliva n'um almofariz, cujo succo dão a tomar ao cão, depois de lhe ajuntarem dois terços de azeite, e banhando com a mesma preparação a parte que se acha affectada. A mais do que um caçador temos ouvido já dizer ser isto d'um resultado seguro e rapido.

Sobre a parte ingurgitada mais proxima da ferida é conveniente applicar o azeite e o ammoniaco misturados, entrando aquelle em quantidade duplicada.

As picadas de lanceta sobre a pelle, quando se produz a inchação em seguida á mordedura, são bastante aconselhadas, devendo fomentar-se a toda a hora a inchação com a solução de chlorhydrato d'ammoniaco em cem vezes o seu peso d'agua.

A falta de cousa melhor, ou emquanto se não applica qualquer dos remedios indicados como mais efficazes, conserve-se o cão sobre o estrume d'um curral, e recorra-se aos antisepticos como a tintura de quinquina, de camphora, ou abluções d'agua de sabão com aguardente, em ultimo logar.

O toucinho de porco sem sal tem dado algumas vezes resultado quando ministrado sem demora, bem como a polvora em bastante quantidade queimada dentro da ferida, que para isso se alarga.

Havendo suppuração na ferida, deve tratar-se com o unguento digestivo composto de terebentina, gemma d'ovo e mel, em partes eguaes, applicado em fios de linho; ou com outro qualquer remedio apropriado.

Os pós tonicos e antisepticos de carvão vegetal, quina e camphora dão esplendidos resultados nas feridas suppurantes dos cães, misturados nas seguintes quantidades: camphora, uma parte; quina, tres; carvão, quatro.

Porto — Outubro, 1895.

Baptista de Sá.

UM «TAVOLAZZO» NO PIEMONTE EM 1826

Uma caçada aos gallos do matto

(Continuado do n.º 34)

ENTÃO OS recortes das montanhas se destacavam desiguaes e negros sobre este fundo luminoso, tomando bem rapidamente as suas ricas côres de purpura e ouro, e em poucos minutos o espectáculo que se apresentou á minha vista foi o mais admiravel que jamais presenciára.

A medida que o sol se levantava, e antes mesmo que o seu disco completo tivesse apparecido, a sombra parecia fugir diante do brilho d'este triumphador, e de minuto em minuto novas maravilhas se offereciam á minha admiração, sempre crescente.

Aqui, um pequeno lago surgia pouco a pouco do nevoeiro que o encobria, como um olho azul cuja palpebra se abrisse lentamente; além, salgueiros sombrios, phantasmas lugubres durante a noite, desembarçavam as suas cabeças da obscuridade e resplandeciam depois desde os mais novos ramos das mais altas hastes até á base nodosa dos troncos seculares.

Do outro lado grandes massas de florestas coroaavam montanhas gigantes; a meus pés, uma relva fina e brilhante servia de tapete a um valle largo e profundo no meio do qual serpenteava uma ribeira indicada por longo e sinuoso rasto de vapores que o sol ainda não tivera tempo d'attingir.

N'este quadro o lado severo era sublime, e o que tinha de risinho era delicioso; era a natureza em toda a sua graça e magestade.

Pude então fazer idéa exacta da posição occupada pela cabana de Titano, e julgar quanto ella era favoravel á dupla profissão exercida pelo velho caçador. De qualquer lado se podia estender a vista ao longe.

Na direcção de Pignerol encontrava as montanhas dispostas em amphitheatro; do lado opposto, o valle largo e profundo de que falei. Por esta fórma, sem deixar o limiar da sua cabana, podia Titano inspecionar os arredores, por fórma a evitar uma surpresa, para si ou para seus amigos, e prevenir estes por meio de signaes perfectamente innocentes na apparencia, e portanto incompreensíveis para o olhar desconfiado da alfandega. Certamente que se eu habitasse este logar distrahir-me-hia com o contrabando nos dias em que me não fosse possível ir á caça.

Justamente quando eu fazia esta reflexão, vi uma grande sombra que se alongava na minha frente sobre o lado direito, e senti ao mesmo tempo um halito quente sobre a mão esquerda que tinha pendente.

A sombra era de Titano que me saudava; o halito era de Torquato que me lambia os dedos.

Estendi a mão ao primeiro, e acariciei o focinho felpudo do segundo.

— Excellencia, me disse o velho caçador, espero que compre dos meus almachos. Que bello tempo teremos hoje!

— Talvez, mas um pouco quente, respondi.

— No valle talvez, excellencia; mas quando tivermos trepado até áquelles salgueiros que vê lá ao longe, affiançolhe que o ar que lhe der o rosto não lhe fará dôr de cabeça.

— E julga que acharemos caça?
— Se acharemos, excellencia! Pode bem ter a certeza. Por aqui apenas eu caço e ainda que todos os dias do anno matto alguma, nunca falta caça: além de que, todos os outomnos reservo os melhores sitios até que o marquez tenha feito o seu passeio; e por isso hoje caçaremos em logar ainda não caçado.

— Affiança-me então que me fará matar alguns gallos do matto?

— Dir-lhe-hei isso quando o tiver visto atirar o primeiro tiro, até então apenas me comprometto a fazer lhe atirar uns vinte. O resto não é comigo.

— Vinte tiros! exclamei eu. Disse comtudo que é uma caça tão rara.

— E' rara effectivamente para os preguiçosos que se não dão ao incommodo de a procurar, e para os ignorantes que não sabem onde ella se encontra; mas o velho Titano tem boas pernas e nariz fino.

— E que outra caça encontraremos ainda nas suas montanhas? perguntei eu com uma curiosidade, que será comprehendida por todos os verdadeiros caçadores.

— Gallinhas bravas, lebres e perdizes cinzentas, vermelhas, e brancas; mas a respeito d'estas ultimas se as quizer vêr, é preciso não temer fadigas, nunca descem mais baixo do que as ultimas neves.

— Encontrará em mim um companheiro que tem bom pé, bom olho, digno de si, meu caro Titano, e peço-lhe que me não poupe fadigas; desejo vêr tudo quanto ha n'este paiz a respeito de caça; e, por exemplo, daria dois luizes por matar uma camurça; mas é impossivel, não?

— Quem sabe? excellentissimo. Um caçador da mesma fórma que um soldado nunca deve dizer: é impossivel... o diabo é bem esperto e o pae Titano não é desastrado.

— Pois bem! Fica combinado que se me fizer matar uma camurça, lhe darei dois luizes.

— Farei a diligencia por conseguir a primeira parte; mas recuso a segunda. Titano nunca vendeu o prazer que proporciona, e não começará por um amigo do sr. marquez.

— Começaremos a caçar muito longe d'aqui? repliquei eu apertando a mão ao velho caçador para lhe exprimir o meu reconhecimento pela sua delicadeza.

— Vê aquelles tres grandes salgueiros, lá em baixo?

— Na encosta d'esta montanha parda?

— Precisamente. Pois bem, quando lá chegarmos podemos armar as nossas espingardas, porque não tardará que tenhamos de nos servir d'ellas.

— Mas não vejo matto no logar que me indica. Onde diabo se esconde a caça?

— Não vê o matto, excellencia, e comtudo ha, e de tal fórma que terá difficuldade em tirar d'elle as pernas quando lá estiver. O que lhe parece cinzento d'aqui, é verde escuro. Toda esta montanha é coberta de nerprum, pequeno arbusto espinhoso que dá uns fructos de que os gallos do matto são muito gulosos; mas é possível que os seus cães não estejam dispostos a entrar lá dentro.

(Continúa).

Editor responsavel — MANUEL AUGUSTO PINTO

Typ. do Commercio de Portugal — Rua Ivens, 35 a 4